Perfil clínico e epidemiológico dos acidentes por abelhas e maribondos de um hospital de referência em Araguaína – TO

Paula C. P. do Nascimento[1]; João Victor S. C. Coutinho[1]; Ronaldo D. M. Júnior[1], Délio R. B. Rosa[1]; Victória B. Dantas[1]; Jacyanne B. V. Schwaner[2]

[1] Acadêmicos de medicina da FAHESA/ITPAC, Av. Filadélfia, 568 - St. Oeste, Araguaína - TO, 77816-540, [2] Residente de Reumatologia pela UFT, Av. NS 15,109 – Plano Diretor Norte, Palmas – TO, 77001-090

A incidência dos acidentes por himenópteros é desconhecida, porém comum na prática hospitalar. O objetivo do trabalho foi avaliar as manifestações clínicas mais frequentes para destacar a importância com a incidência desses casos. Foram vistos todos os casos de acidentes por abelha e maribondo de Janeiro a Dezembro de 2010. Esses foram selecionados a partir das fichas de notificação presentes no setor denominado de Núcleo de Vigilância Epidemiológica do Hospital de Doenças Tropicais de Araguaína – TO. Após coleta, foram tabulados e analisados no programa Epi Info e os resultados apresentados em frequências simples e absolutas. Foram notificados 35 casos de acidentes com abelhas e maribondos no HDT. A maioria procedentes de Araguaína 32 (91,43%), o principal agente foram as abelhas com 19 casos (54,29%); de maribondo houve 16 casos (45.72%). O local mais comum das picadas foi na cabeça com 12 casos (34,29%), de leve intensidade 23(67,65%), no sexo masculino 22 (62,86%), em pardos 25 (71,43%) com idade de 13-60 anos 21 (57,15%). Das manifestações locais as de maior prevalência foram dor e edema com valores de, 30 (85,71%) e 29(82,86%), respectivamente. Desses, 30 (85,71%) ocorreram na zona urbana e 22 (62.86%) foram atendidos nas três horas após o acidente. Apenas 1 caso apresentou manifestações sistêmicas do tipo vagal (náuseas e vômitos), e só 1 caso apresentou complicação do tipo infecção secundária. Houve outras manifestações como: dispneia, urticária, febre, hiperemia corporal, abscesso e calor local. Dentre os pacientes 3 não foram possíveis identificar o local do corpo afetado e 1 não apresentou manifestações, e todos evoluíram para cura. Os resultados apontam como manifestações clínicas, mais comuns: a dor e o edema, que vão de acordo com a literatura. As complicações foram incomuns nesse estudo, porém, não descartadas de virem a ocorrer, já que no estudo sintomas como dispneia, manifestações vagais e urticária. Realça-se aqui a predominância na zona urbana.

Palavras-chave: himenópteros, notificação, manifestações clínicas.

Apoio: Liga acadêmica de Infectologia (LAIA)